

*Entre o prescrito e o proscrito da
linguagem corporal: um estudo sobre o
comportamento etológico de alunos da
UFMT*

Flavia Karolina Campos¹
Cleomar Ferreira Gomes¹

RESUMO

Este texto está inserido no terreno socioantropológico do comportamento humano, que utiliza dois grupos de sujeitos: alunos de Pedagogia e de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso, no tocante a aspectos ligados a sua corporeidade. Os objetivos empregados na pesquisa foram 1) Interpretar os diferentes tipos de comportamento que essa corporeidade produz quando esses sujeitos circulam, fazendo viver e con/viver nesses espaços que preenchem o seu cotidiano. 2) Observar suas posturas antropológicas, especificamente nos movimentos de sentar, andar, agrupar-se, comer, falar sobre quais assuntos, sua vestimenta, seus adornos, suas expressões de rosto, como se exercitam, sobre o que sonham, suas formas de parelha, como namoram, enfim sobre esses padrões de comportamento que perduram no processo de humanização. 3) Comparar os grupos de sujeitos quanto aos comportamentos prescritos e proscritos, a cultura dos grupos, a realidade de cada ambiente e a simbologia das próteses. Para efetivar um trabalho de natureza qualitativa, adotamos a ideia da biologia evolutiva de que o homem, de animal natural se tornou cultural.

Palavras-Chave: Corporeidade. Cultura. Comportamento. Antropologia.

¹ Universidade Federal do Mato Grosso
Recebido em: 8 maio 2018
Aprovado em: 30 jun. 2018
Contato: gomescleo.cg@gmail.com

Between prescribed and outlawed body language: a study on the ethological behavior of UFMT students

ABSTRACT

This text is part of the socio-anthropological terrain of human behavior, which uses two groups of subjects: students of Pedagogy and Physical Education of the Federal University of Mato Grosso, regarding aspects related to their corporeity. The objectives used in the research were 1) To interpret the different types of behavior that this corporeality produces when these subjects circulate, making live and con / living in those spaces that fill their daily life. 2) Observe their anthropological postures, specifically in the movements of sitting, walking, grouping, eating, talking about what subjects, their dress, their adornments, their expressions of face, how they exercise, what they dream about, their forms of pairing , how they date, and finally about those patterns of behavior that persist in the process of humanization. 3) Compare the groups of subjects regarding prescribed and outlawed behaviors, culture groups, the reality of each environment the symbology of prostheses and other elements if any. To carry out a work of a qualitative nature, we adopt the idea of the evolutionary biology of which man, from natural animal, has become cultural.

Keywords: Corporeity. Culture. Behavior. Anthropology.

Entre el prescrito y el proscrito del lenguaje corporal: un estudio sobre el comportamiento etológico de alumnos de la UFMT

RESUMEN

Este texto es parte de inscrita en el terreno socio-antropológico del comportamiento humano, que utiliza dos grupos de sujetos: alumnos de Pedagogía y de Educación Física de la Universidad Federal de Mato Grosso, en lo que se refiere a aspectos ligados a su corporeidad. Los objetivos empleados en la investigación fueron 1) Interpretar los diferentes tipos de comportamiento que esa corporeidad produce cuando esos sujetos circulan, haciendo vivir y con / vivir en esos espacios que llenan su cotidiano. 2) Observar sus posturas antropológicas, específicamente en los movimientos de sentarse, andar, agruparse, comer, hablar sobre qué temas, su vestimenta, sus adornos, sus expresiones de rostro, cómo se ejercitan, sobre lo que sueñan, sus formas de pareja , como enamoran, en fin sobre esos patrones de comportamiento que perduran en el proceso de humanización. 3) Comparar los grupos de sujetos en cuanto a los comportamientos prescritos y proscritos, la cultura de los grupos, la realidad de cada ambiente, la simbología de las prótesis y otros elementos si los hay. Para realizar un

trabajo de naturaleza cualitativa, adoptamos la idea de la biología evolutiva de que el hombre, de animal natural se ha vuelto cultural.

Palabras Clave: Corporeidad. Cultura. Comportamiento. Antropología.

INTRODUÇÃO

O texto que ora se apresenta é parte de uma pesquisa que se inscreve no terreno socioantropológico do comportamento humano, que utiliza dois grupos de sujeitos: alunos de Pedagogia e de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso, no tocante a aspectos ligados a sua corporeidade. Particularmente aqueles que investigam o ambiente que os circunscrevem, pode nos dizer sobre a forma de se relacionar com as outras pessoas: no vestir, divertir, alimentar, exercitar, entre outras modalidades de se comportar, e da influência que acabam produzindo os signos que revelam o pertencimento dessa ou daquela cultura.

O termo corporeidade é noção que tomamos emprestada dos linguistas e antropólogos para dizer de expressão não-verbal do corpo, e do uso que o corpo faz do espaço e do tempo que ocupa. As áreas de Educação Física e Pedagogia englobam em seus estudos o homem de forma peculiar. As abordagens do homem nestas áreas se assemelham em analisá-lo em “movimentos”, na Educação Física; estudar suas estruturas e funcionamento, e na Pedagogia a relação com o meio. Porém, um dos aspectos que as relacionam em diferentes contextos é a sua “etologia” com enfoques diversificados ao seu conceito.

Nas aulas, sem repetições de movimentos, sem negar o lúdico e sem inibir a criatividade e a animação dos alunos, esses encontros possibilitaram identificar uma autoconfiança, para a abordagem com o objeto que escolhi estudar. Achamos pertinente supor que o objeto também nos escolhe num encontro dialógico entre o interesse do pesquisador e a pulsão do objeto escolhido. É preciso incluir que essa escolha se justifica por desde muito cedo a vida de toda criança ter uma relação curiosa sobre o que pode - o dito ou prescrito, e o que não pode — o interdito ou proscrito, no trato com as linguagens do corpo.

A etologia humana segundo Konrad Lorenz (1995, p. 17) constitui-se, portanto, em uma disciplina da biologia que visa o estudo comparativo do comportamento, aplicado tanto ao comportamento animal e humano. Tanto intraespecífico, ou seja, o comportamento de uma espécie no seu meio ambiente, a partir da observação e análise das diversas facetas da vida desses indivíduos (sobrevivência, reprodução, comportamento territorial...); quanto ao comportamento interespecífico, isto é, a relação entre as espécies no meio de entorno no que têm em comum para compartilhar.

Nesse sentido, propomos um estudo de comportamentos mais próximo ao conceito de Marcel Mauss (2008, p. 420) que define movimentos corporais como “técnica corporal”. Para esse autor “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” e ainda que sejam transmitidas através da

educação e que são atos tradicionais, diferenciando-se assim dos animais provavelmente pela sua transmissão oral.

Os objetivos empregados na pesquisa foram 1) Interpretar os diferentes tipos de comportamento que essa corporeidade produz quando esses sujeitos circulam, fazendo viver e con/viver nesses espaços que preenchem o seu cotidiano. 2) Observar suas posturas antropológicas, especificamente nos movimentos de sentar, andar, agrupar-se, comer, falar sobre quais assuntos, sua vestimenta, seus adornos, suas expressões de rosto, como se exercitam, sobre o que sonham, suas formas de parelha, como namoram, enfim sobre esses padrões de comportamento que perduram no processo de humanização. 3) Comparar os grupos de sujeitos quanto aos comportamentos prescritos e proscritos, a cultura dos grupos, a realidade de cada ambiente e a simbologia das próteses.

Para efetivar um trabalho de natureza qualitativa, adotamos a ideia da biologia evolutiva de que o homem, de animal natural se tornou cultural. No dizer de Richard Dawkins (2007, p. 466) “o nosso cérebro evoluiu para ajudar nosso corpo a se virar no mundo, na escala em que esse corpo funciona”. Essa é uma regra da etologia humana. Esse comportamento sofre influências de fatores externos como bem assimilou Gomes (2008) em uma recente pesquisa com sujeitos na cidade de Cuiabá. O clima quente-úmido dessa cidade “empurra as pessoas para fora de suas casas”. O que parece uma contradição é justamente este comportamento putativo que produz uma socialização com as pessoas desse local.

Outros fatores são atinentes a qualquer grupo social: como o ambiente físico, a luta pela sobrevivência, as condições financeiras, a fluidez desses tempos “pós-modernos”, a flutuação dos valores morais, a fragilidade das relações interpessoais, entre outras expressões evidentes no trabalho de Zygmunt Bauman.

O relacionamento interpessoal depende de fatores complexos que determinam a ação do grupo sobre o indivíduo, como também do indivíduo sobre o grupo. Supomos que ao eleger como objeto de pesquisa o comportamento humano e seus aspectos intrínsecos — atitudes, crenças e relacionamentos, escolhas, manifestos por diferentes grupos que compõem uma mesma sociedade, seja possível contribuir para a diversidade que este estudo se refere. Estudar alunos de Educação Física e de Pedagogia pode vir a ser um instrumento importante para ver esses sujeitos no trabalho com a educação escolar que esses acadêmicos possam vir a ter no futuro de seu exercício profissional com suas crianças e jovens nas escolas de cada um.

Para a construção dessa pesquisa serviram de referências os estudos etológicos de Konrad Lorenz, (1986), a antropologia social de Marcel Mauss (2008) as descobertas da antropologia corporal de David Le Breton (2006) e os estudos proxêmicos de Edward Hall (1981).

Numa pesquisa de natureza socioantropológica, nos moldes que essa pesquisa se afina, as indagações emergiram no decorrer do trabalho de campo, muitas vezes das notas decorrentes do experimento da observação. Entretanto, algumas questões preliminarmente, moveram e orientaram a pesquisa, com a observação insistente, ganhando contornos mais vivos, à medida que a observação e o registro dos dados vinham avançando. Foi possível notar que as pessoas de um modo em geral se comportam, assumindo movimentos com gestos estereotipados (sentam no mesmo lugar, se alimentam da mesma comida, estão sempre nos mesmos grupos, se repetem nas mesmas posturas, advogam as mesmas crenças). O que marca as “técnicas corporais”, metáfora predileta de Mauss e de que forma podemos identificá-las tomando como sujeitos os acadêmicos de Educação Física e Pedagogia? Na seção das análises de dados podemos ver como as “técnicas corporais” compõem as aulas de Educação Física e de Pedagogia da UFMT, tornando-se necessárias aos sujeitos, desde os aspectos fisiológicos, sociais, psicológicos e históricos. Evitam as aulas com repetições de movimentos, por exemplo: as aulas de danças, GRD, estágios...

Há uma comunicação verbal ou não verbal para identificar essa corporeidade? A comunicação aparece nas mensagens dos sujeitos, atraem a atenção do Professor e dos colegas, talvez a intenção seja a de prolongar a comunicação, parecem sempre estar em sintonia com os grupos.

Os fatores econômicos, culturais, sociais interferem no comportamento de ser de cada grupo? Os alunos tendem a se dividir por grupos formando as “panelinhas”, se distinguindo entre “Burguesia e Proletariados”, “Lado A e lado B”.

MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste trabalho serviu de lócus a Universidade Federal de Mato Grosso, as salas de aula de Educação Física e de Pedagogia, cantinas e corredores, pista de corrida, quadra poliesportiva, escolas municipais onde realizaram estágios. utilizamos de uma pesquisa munida de observações sistemáticas e assistemáticas, além de um roteiro de entrevistas, quando em campo foi possível utilizar um gravador e uma câmera digital para registro de imagens e de falas um caderno de campo.

As entrevistas foram realizadas com os sujeitos da Faculdade de Educação Física, onde escolhemos dois alunos de cada semestre, compondo-se de oito homens e de nove mulheres. No curso de Pedagogia também escolhemos duas alunas de cada turma, compondo um total de dez alunas. No afã de proteger suas identidades, as iniciais significando o nome, F ou M para o gênero, seguido do curso se Pedagogia (PED) e/ou Educação Física (EDF) depois a idade: (A.C.G./F – PED – 20 anos).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As falas abaixo, no tocante ao prescrito e proscrito em sala de aula, mostram como eles se expressam:

“[...]... Bom, você pode prestar atenção, é lógico, né? que é o primeiro, pode fazer perguntas para os professores, tirar dúvida, você pode fazer um questionamento também se é... ou se é a favor ou se é contra ou que tá sendo lecionado”. (I.V.A./F – PED – 26 anos)

“... Bom eu acredito que é muita conversa com os colegas quando professor está explicando a matéria”. (R.E.G./F – PED – 32 anos)

Com a teoria de Marcel Mauss (2008, p. 416), “o comportamento humano não se faz somente por uma consciência individual, se não também pela mentalidade coletiva”. Com base no que afirma esse autor, o homem tende a agir de forma similar ao seu grupo seja qual ele for, para ser aceito. Interpretando Mauss, é provável que aquilo que os entrevistados se referem ao comportamento prescrito e proscrito, dentro de sala de aula, por exemplo, pode ser esse comportamento o mais usual e aceito pelo grupo. Em contrapartida, de uma perspectiva localista, como apontada por Geertz (1989) em seu livro a Interpretação das culturas, só é possível “interpretar” a cultura do outro a partir do convívio com suas singularidades. Se comportar em uma sala de aula ou em uma pista de esportes, ou ainda em um campo para práticas de aprendizagens escolares, tem muito a ver com as normas estabelecidas para esses ambientes. A proscrição deve ser entendida como um ato iconoclasta, denunciada, enquanto que a prescrição como um ato de celebração, portanto, recomendada. Em outras palavras, o que esses “sujeitos” disseram, se traduz como o dito popular: “o que é bom, se recomenda, o que é ruim, se denuncia”.

Esse comportamento dispensa qualquer consideração que tenha um viés econômico como tendo um papel decisivo no comportamento de ser de cada grupo, Nunca é demasiado repetir: “antes de serem culturais, os homens como os animais são mais naturais do que possam imaginar”, e essa (natureza) de cada grupo se guia por estereótipos que extrapolam as funções acadêmicas, profissionais e sociais de cada curso. As “pedagogas” têm uma preocupação com o futuro na “ensinagem” que terá na escola formal seu destino. Enquanto que os acadêmicos de Educação Física, por ser um grupo heterogêneo e mais jovem, almejam outras paragens: academias de ginástica, pistas esportivas, treinamento de esforço físico... atividades apropriadas para “corpos esculpidos”, como disse um aluno da Educação Física.

Muitas informações veiculadas pelos *mass media* chegam ao jovem e ao adulto de forma fragmentada e são manipuladas por interesses econômicos e valores ideológicos, buscando seduzi-los. A Educação Física não pode fugir e nem se alienar a essa realidade, pois é impossível negar a força que a indústria do esporte, da estética e lazer exerce nos comportamentos juvenis.

Aqui, por eleição, trabalhamos apenas uma categoria dos grupos de acadêmicos, sujeitos que se fizeram para a pesquisa — o proscrito e o prescrito. Nem precisa falar da solicitude desses “alunos” que se prontificaram e essa disposição já valeria os créditos de uma dedicatória no trabalho final, mas interpretar comportamentos de qualquer “tribo” como diria o Michel Maffesolli, já é uma tarefa bem de nossos tempos.

Pelas entrevistas foi possível observar o comportamento desses dois grupos, a partir dos relacionamentos com os colegas de sala especificamente, com os alunos de Educação Física e de Pedagogia da UFMT, que seus sujeitos deixam escapar pelas suas falas, eles têm muito a dizer de sua etologia que se ajeita do jeito que pode. Basta apenas parar para ouvi-los naquilo que eles têm a dizer, quando perguntamos quais são seus sonhos? Eles tendem a nos responder:

“... eu gosto do curso... eu fiquei descontente com algumas coisas que aconteceu aqui coisas de direção e tal... com o curso em si é o que eu queria fazer e realmente eu gosto. Trabalhar, eu já trabalho mas eu gostaria mesmo dar aula de personal, fazer uma especialização voltada para essa área... para a qualidade de vida para o meu aluno, um idoso, uma criança”. (D.E.B./F – EDF – 24 anos)

“Muito, apaixonada. Dar aula para criançinha”... (A.R.I./F – EDF – 26 anos)

“Ah! eu diria que muitos planos... conversamos o que a gente pensa da vida, como a gente quer... daqui a algum tempo ou nossas dificuldades, a gente ajuda muito uma a outra. Com certeza. Mestrado, doutorado talvez meu foco é escola..”. (E.L.I/F – PED – 19 anos)

“... é tudo o que eu queria, apesar de ter muitas coisas... mais eu quero ser educadora...”. (N.A.I/ – PED – 23 anos)

Os dados revelam que esses meninos, meninas, senhoras e senhores que se matriculam, nestes dois cursos de licenciaturas, se assemelham e também se divergem no jeito de ser, de sonhar, de se comportar nos espaços que ocupam.

O antropólogo social Marcel Mauss um dos teóricos que estimula essa pesquisa, gosta de repetir, a partir do que seria para ele “a teoria da técnica do corpo” que em toda sociedade, “todos sabem e devem saber ou aprender aquilo que devem fazer para lidar com

seus corpos” (2003 p. 420). Em todas as condições. Naturalmente, a vida social não é isenta de “estupidez” e de “anormalidades”. Essa “estupidez” pode ser notada nas falas, na comunicação verbal e não verbal e na própria expressão de ser de cada sujeito. Por exemplo, usar uma vestimenta e um calçado que não oferecem conforto; adotar uma postura corporal que produza um incômodo na coluna vertebral; ingerir drogas (anabolizantes) alcaloides e álcool para rotas de fugas psicológicas, ou, ainda, se “entupir” de alimentos gordurosos levando-se a bloquear veias e artérias... pode estar aí o exercício dessa “estupidez”. Só isso já bastaria para dizer de como temos, ao longo do processo de nossa humanização, prestado pouca atenção no *corpo*.

Segundo Edward Hall (1981, p. 158), as populações mundiais estão se amontoando nas cidades e nesses amontoamentos as necessidades de espaço das pessoas são concebidas “simplesmente em função dos limites de seus corpos”. Com Hall ficamos à vontade com um referencial teórico-metodológico e lançar olhar para homens, mulheres, jovens e crianças, em seus ajuntamentos, em micros espaços urbanos e percebê-los como “animais” em busca de um melhor assento, de uma posição segura na labuta de ir e vir, de frequentar esses espaços para garantir a sua territorialidade.

No dizer de Hall (1986, p. 14), a territorialidade pode ser entendida como “o comportamento mediante o qual um ser vivo declara caracteristicamente suas pretensões a uma extensão de espaço, que defende contra os membros de sua própria espécie”. Talvez seja aquilo que os alunos fazem em sala, quando protegem seus espaços, passam a sentar sempre no mesmo lugar, defendendo assim o seu “pequeno” território “estendido” pela *sua* carteira? É possível ver essa “privatização” do espaço, pelas falas de alguns sujeitos quando perguntados por que eles sentam sempre no mesmo lugar. Assim uma aluna da Educação Física responde:

“Eu sento sempre no mesmo lugar, mas sempre perto das pessoas que eu convivo, porque fica mais fácil o convívio com quem você conhece...”
(M.I.R./F – EDF – 26 anos).

Outro colega diz:

“sento sempre perto de meus colegas, por questões de afinidade”
(C.R.I./M – EDF – 22 anos).

Sentar no “mesmo lugar” e perto dos colegas como garantia de “convivência” e “afinidade”, pode caracterizar com os sujeitos aquilo que Hall (*id.*, p. 14) define como sendo a “extensão de espaço, que defende contra os membros de sua própria espécie”. Pode-se supor, também, embora os alunos não tenham dito claramente sobre essa garantia do “espaço”, mas estar sempre no mesmo lugar suscita, com esse comportamento de repetição, outras características da territorialidade: a segurança de quem senta na frente garante mais atenção à explicação do conteúdo, pois se está mais próximo do professor, de suas *mídias* e

da matéria, além de lhe conferir *status* de aluno interessado, o que nem sempre acontece quando se senta atrás.

Estar no fundo, com esse desenho de sala de aula que temos nas escolas, pode dar à turma do “fundão” uma visão panorâmica da sala, promove a conversa “paralela”, e o “toque” de peles, além de ficar mais perto da saída à toailete. Não importa o lugar que se prefira no espaço da sala, mas sentando no fundo ou na frente vai comunicar essa “pretensão” que nos fala Hall. Há uma mensagem dessa etologia, pelas características que o próprio espaço transmite, pela extensão de espaço *contra* e *com* os membros de sua própria espécie.

Com base no que nos lembra Montagu (1988, p. 19) “as comunicações que transmitimos por meio do toque constituem o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos, como fundamento da experiência”. As emoções se produzem nos relacionamentos dos corpos. Há uma socialização que se efetiva, tanto num grupo (Educação Física), como no outro (Pedagogia) quando tendem a se aproximar, a sentar juntos, a se abraçar nos intervalos, a se agrupar para os trabalhos em grupo e a formar as “panelinhas”, a combinar a carona da volta para casa, a se fantasiar para as festas. Nessa hora, pelo toque das mãos e de toda a pele corporal, o estar-junto “comunitário” superestima o espírito de “identidade”, característica primordial desses tempos líquido-modernos, como insiste Bauman (2003). As emoções podem vir a ser o primeiro mecanismo de comunicação, ligação ou repulsão no meio humano e físico nessas megalópoles de hoje em dia.

Para o David Le Breton (2009), um sociólogo do corpo, em sua obra sobre *A antropologia das emoções*, dedica um subtítulo sobre a necessidade do outro. A partir da leitura da obra *Les enfants sauvages* de Malson, induz que essas experiências com crianças selvagens, na relação que se instala com o outro amplia a relação com o mundo. (2009, p. 30). Para ele o outro é a estrutura que organiza a ordem de significado do mundo, e, portanto, “nunca estamos sozinhos em nosso próprio corpo”. (*id.*, p. 37). Para esse autor, é justamente a “educação”, com seus processos de transmissão que “vai modelar as relações com o outro, portanto com o mundo” (*id.*, p. 35). Além de promover um acesso à linguagem que aos poucos vai moldando as mais íntimas aplicações de ser *corpo*.

Esta seção do trabalho é onde descrevemos os passos levados ao campo com as técnicas, as observações e as interpretações dos dados coletados. A pesquisa de caráter qualitativo, nos moldes de uma etnografia, conforme assevera Cleomar Gomes (2001, p. 46) no Capítulo Metodológico de sua tese de doutoramento “é um método de imersão no espaço de vivência do grupo estudado, onde o pesquisador participa pelo menos superficialmente do contexto local, podendo observar as interações que se dão nesse contexto”. Como instrumentos para a coleta dessas informações, nos equipamos com máquina fotográfica, com um roteiro de entrevista, com um gravador e de filmagens, embora estas foram

imprecisas na hora de sua utilização. Utilizamos também como heurísticas as observações sistemáticas e assistemáticas que muito nos foram úteis no percurso da investigação.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Mato Grosso, situada em Cuiabá, no bairro Boa Esperança com os cursos de Educação Física e de Pedagogia. O propósito foi o de observar como esses grupos de alunos se comportam, agregando a esse comportamento alguns aspectos que compõem os elementos complexos dessa etologia. Como se enxergam no espaço que ocupam; como se veem enquanto corpo nesse lócus escolar; o que esperam com a formação no curso que escolheram. Para isso foi importante vê-los nos movimentos de se sentar, vestir, falar, o que comem na hora do intervalo, no que dão importância, como e o quê aprendem, sobre o que eles conversam. Assim, as categorias se juntam pelo aquilo que vi, escutei e fotografei e, que, portanto, apresentarão como resultados nas análises, no decorrer do texto.

Para enxergar o comportamento desses alunos supomos que ao trazer num quadro o gabarito de gestos, atitudes, e os modos de ser desses sujeitos, chamamos de *prescrição* e *proscrição*, para melhor compreendê-los em seu cotidiano da sala de aula, dos espaços para as práticas esportivas e dos ambientes ocupados por sua *proxemia*, aquilo que é permitido, aceito como norma, como ordinário — sagrado, e aquilo que deve ser admoestado, interdito, esconjurado e proibido — profano.

Quadro 1 - Comportamentos prescritos e proscritos

Prescritos	Proscritos
Pedagogia (Sala de aula/Fora da sala)	
Silêncio, atenção, postura formal, desligar aparelhos eletrônicos. Respeitar o professor. Prestar atenção nas aulas.	Conversar, atender ao celular, sentar-se desleixadamente, usar roupas vulgares, cochilar, não soltar flatulências. Falar alto, dormir em sala, comer dentro da sala, tirar a roupa, agredir fisicamente/verbalmente o colega, vestir-se de forma inadequada. Dar faniquitos para chamar atenção.
Ed. Física (Sala de aula /Fora da sala)	
Fazer perguntas, argumentar, ficar em silêncio, sentar de forma adequada, ter um bom comportamento	Jogar papel no colega, Fumar, fazer piada com a/o professor, <i>peidar</i> (soltar flatos), xingar, bater, gritar, arrastar a carteira, bater a porta, usar o celular, revistas de fofoca, namorar/copular, rabiscar a cadeira/parede

Nas entrevistas coletadas, as categorias Proscrito e Prescrito ajudam a enxergar no espaço dessa instituição o que é sagrado e profano; aquilo que pode e o que não pode, conforme o comportamento desses sujeitos pode mostrar. Um dado importante é que toda vez que é perguntado sobre o que é interdito eles, tanto de um grupo como do outro, tendem, num primeiro plano se referirem “a ficar nu”. Tirar a roupa em público dá a, eles pelo tom da resposta, pela expressão facial com que “encaram” a pergunta, uma sensação de

desconforto corporal. Eis que surge uma preocupação exacerbada desse “bicho” homem, que em seu processo de civilização, tendo que se cobrir com vestimenta, voltar a ficar nu (homem é naturalmente nu), traz com a questão um problema ontológico. Talvez esses meninos tenham algo a dizer sobre esse corpo nu, como nos mostram as falas a seguir:

“tudo é permitido, só não pode ficar pelado. Ficar pelado é terrível só de pensar”. (E.L.T./M – EDF – 19 anos)

“desviar a atenção do professor, que tá tentando explicar... coisas assim (risos), que vêm na cabeça, coisas absurdas como de repente tirar a roupa (risos) não pode. (V.A.L./M – EDF – 32 anos)

O homem tende a agir de forma similar ao seu grupo seja qual ele for. Para ser aceito, traz ao indivíduo um bem-estar, no sentido de “vivenciar ou de sentir em comum” como prefere acentuar Michel Maffesoli (2006, p. 37). E, através dessas contribuições da prescrição e proscricção, a meu ver, é que consiste na aplicação da perspectiva etológica do comportamento humano.

A Pesquisa de campo teve a duração de dois anos, com algumas restrições para a coleta dos dados, por motivos de reforma dos espaços, como piscina e sala de aula. A partir da coleta de dados e pelas observações *in loco* pude observar uma preocupação exacerbada com a aparência. O trabalho aqui proposto como uma tentativa de enxergar as diferenças entre uma cultura e outra, entre um grupo e outro, sem considerar a vida econômica ou as relações sendo um papel decisivo no comportamento de ser de cada grupo.

Os dados foram tratados a partir das observações e entrevistas coletadas em campo. Foram colhidos os seguintes dados na prescrição e proscricção: 11 alunos disseram que o que é permitido: é “prestar atenção”, e 3 disseram que, “há uma preocupação em ficar nu”. Na Pedagogia somente 2 alunas disseram que a prescrição está em “prestar atenção” e o foco central do restante das alunas está em dizer que a “conversa paralela”, atrapalha o andamento da aula. As entrevistas se encontram no decorrer do capítulo das análises de dados, que foram feitas a partir do comportamento de cada sujeito, em suas brincadeiras, jogos, conversas nos corredores, cantinas, e a partir daí, vi o quanto se parecem em sua etologia.

Fizemos um resumo do que se pode retirar de suas falas e das observações ao perguntar sobre “como que você se percebe enquanto corpo?”. Algumas respostas dão pistas sobre como se dá essa percepção:

“De forma agradável, com uma autoavaliação construtiva, pensando quase sempre além da forma estética, visando melhorar a qualidade de vida tendo como recompensa um corpo mais bonito e saudável”. (K.A.T./F – EDF – 19 anos).

“Sarado! malhadaço sou um exemplo a ser seguido! quero muito continuar me cuidando dando exemplos para os meus alunos”. (D.O.U./M – EDF – 24 anos).

“Que pergunta esquisita [...] nunca parei pra perceber, mas... vamos lá... Enquanto corpo, eu me sinto parte de algo maior, e vejo que a minha presença é notável, quanto a tudo aquilo que almejo, ou que faço parte. Ainda que muitos não acreditem nos seus potenciais, só precisam saber que apenas um gesto, expressão ou uma palavra podem mudar o mundo”. (L.U.C./M – EDF – 26 anos).

“Enquanto corpo me percebo ligada a todo um conjunto de outros elementos e fatores, não sendo apenas matéria, mas sim um ser que apesar do corpo tem uma mente e tudo se liga. Para mim não há corpo (matéria) sem tudo o mais”. (R.E.G./F – PED – 23 anos).

É possível ver pelas falas o quanto esses sujeitos da Educação Física se preocupam com o corpo, tentando deixá-los “sarados” como vimos na fala de um dos entrevistados. É também possível enxergar essa preocupação com seus corpos, visando um ideal de beleza imposto pela sociedade a qual pertence. E quando lhes são perguntados quais são seus sonhos? Há sempre uma resposta em ter uma “academia diferenciada” (R.I.T./F – EDF – 19 anos).

Talvez, seja essa preocupação em deixar seus “corpos necessariamente perfeitos”, Le Breton (2003, p. 118), está relacionada também com a escolha do curso.

Ao identificar o elemento homem em seu comportamento, é possível associá-lo aos estudos de Konrad Lorenz (1987, p. 8), que em seus estudos o comparou à etologia dos gansos, aves e peixes, descrevendo-o numa semiologia de seus instintos e tradições, hereditariedade, mutações e rituais. Os laboratórios tendem a estudar os primatas, ratos, humanos, a partir de sua etologia em campo, através do seu *habitat* nativo. Quando em laboratórios, os pesquisadores tendem a observar esses comportamentos sob um alto controle com possibilidades de registros por vários meios: “câmera de filmar, gravadores, janelas, espelhos e outros experimentos”.

Vivendo e convivendo no período de dois anos com esses sujeitos, pude vê-los em seus agrupamentos para estudos, brincadeiras e em outros papéis, como se modificam em sua estética corporal, a ponto de dizer que “os processos criativos expressos pelo homem, e somente pelo homem, constituem um jogo, uma brincadeira, diferente da funcionalidade que caracteriza o cotidiano dos animais”, conforme afirma Lorenz (1986, p. 63). Ligando-se a esse autor, talvez seja possível juntar-se aquilo que Geertz (1989, p. 143), revela em seu livro sobre *a interpretação das culturas* quando diz que cada indivíduo é através do seu comportamento e do seu *éthos*. Para o autor “o *éthos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição; é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.”

É com essa orientação que esse estudo se destina, isto é, ver esses sujeitos em sala de aula, em pátios, em espaços ociosos de aulas vagas, em pistas para práticas esportivas, em estúdios para aula de campo, em cantinas para lanches, em rodas para assuntos de uma vida sem importância, em grupinhos sobre a vida *prosaica*, em troças para jogar conversa fora... A partir das observações desses grupos, cada indivíduo ou cada grupo, pelo seu comportamento, tem a nos dizer, através da linguagem verbal e não verbal, mais a dizer por sua vontade do que pela obrigação de estar nesses ambientes. Esse *êthos* como labora o poeta Schiller (2002, p. 27) em uma de suas cartas sobre *a educação estética do homem*, nos diz sobre a vontade do homem que deve sobrepor a qualquer imposição ou dever. É isso que deixa transparecer na etologia desses sujeitos como veremos a seguir. Eles se comportam muito mais pela força de sua natureza, do que pela imposição normativa da cultura.

As meninas de cada “grupo” tendem a se comportar de forma estereotipada. Em algumas aulas se comportam de uma forma participativa, em outras, nos mostram cenas de brincar com seus aparelhos de celular, com mãos acariciando o próprio corpo, cabelos; sempre se movimentando, falam sobre unhas, cores de esmaltes, Orkut dos professores, sobre suas fotos, familiares, dinheiro para xerocopia dos textos e, pelo que pude assistir são nesses momentos que mostram toda a pregnância de sua etologia do agrupamento.

Ao observar as aulas de Educação Física, do 2º. Semestre, pude ver há uma semelhança entre os dois cursos. Os alunos, em seus “grupos”, brincam de pegar, de tocar o outro com limites para correr. Usando sua imaginação simbólica, a quadra de esportes (sala de aula da Educação Física) faz a vez, neste momento, de sala de aula.

Quando esses meninos se juntam para brincar de correr para pegar o outro, pode estar lá a “técnica corporal” *neandertaleza* da corrida necessária para a caça; quando eles se agrupam para os assuntos sem importância pode estar aí nesses ajuntamentos triviais, “a ação fática dos ritos utilizados como instrumentos para entrar em contato o outro”, a que se refere Rivière (1996, p.97); quando eles se juntam para perseguir algum colega, pode estar aqui aquilo que Willy Haas (in W. BENJAMIN, 1984, p. 74) tratou como “a teoria gestáltica do gesto lúdico”; quando eles asseguram um dardo para lançar ou um lápis para escrever, pode estar aqui o salto tecnológico do *Homo habilinos*, a que se refere R. Wrangham (2010, p. 95).

O comportamento de cada sujeito é livre para jogar como quiser, sem a exigência formal de obtenção de rendimentos ou performances. Com um estudo sobre os ritos, Claude Rivière, assim se declara:

Os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para

suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito (RIVIÈRE, 1996, p.30).

Com base no que foi observado durante esses dois anos, é possível dizer que há uma forma recorrente nas aulas práticas desses sujeitos. Predomina, assim, no rito diário dessas aulas um ritmo e um equilíbrio envolvendo dinâmicas corporais, e uma diversificação crescente dos movimentos, que mediante as repetições rítmicas é possível ver uma ritualização de gestos e sua constituição do espaço operacional.

Rivière, em sua obra *Os ritos profanos*, nos lembra que do berço ao túmulo o indivíduo se submete a cerimônias que ele denomina de “ritos de passagem” que o ajudam a passar de um estado a outro, de uma idade a outra como os ritos de “nascimento iniciação, casamento e morte” (1996, p. 42).

Segundo Rivière (1996, p. 183), “Pela familiaridade dos sinais, os ritos esconjuram o que há de perturbador em nosso próprio corpo”. Nas entrevistas os alunos aproveitaram para falar sobre o método do professor, criticando-o e assim justificando o seu desconforto e, portanto, a sua não-participação. A fala a seguir mostra esse julgamento:

“esse professor é assim... se não consegue ligar o data-show não tem aula” (J.O.E./M – EDF – 22 anos).

Quando sentados para as aulas nas salas, os alunos se posicionam das mais variadas formas: com pernas cruzadas, com os pés na carteira, como se tirassem um cochilo, deixando seus corpos bem à vontade.

No decorrer da aula, alguns alunos dão tapinhas no rosto para acordar, sugerindo com esse gesto que o assunto da aula estava “enfadonho”. Sou tentada a dizer que esse é um comportamento habitual no curso de Educação Física, porque esses alunos, quando se trata de aula teórica, deixam evidente que são mais animados para aulas práticas. Os corpos desses alunos parecem querer dizer que há um visível cansaço para esses momentos de sala de aula. Nestas horas, há sempre uma sede súbita e uma vontade de visitar a toailete. Uma fala a seguir traduz esse incômodo corporal:

“geralmente se a aula fica muito ou bastante... chata a gente acaba conversando entre os alunos sobre o assunto que está sendo trabalhado, ou saio da sala discretamente porque a aula fica muito cansativa”. (D.E.B./F – EDF – 24 anos)

As vestimentas de alguns alunos em seu dia-a-dia são leves, outros preferem o *jeans*, que é um tecido mais pesado, e não me parece apropriado para as aulas de Educação física, que sugere o tempo todo, “a movimentação dos corpos”.

Um aspecto que me chamou a atenção diz respeito à chegada dos alunos para as aulas. Comportamento mais comum entre os alunos da Educação Física que da Pedagogia. Talvez porque na Educação Física, as aulas começam mais cedo, às 7h da manhã. É nessa hora, pelo que pude observar, alguns alunos aproveitam esse tempo que antecede à aula, para pôr a fofoca em dia. Não vi muito aluno com livro aberto, antecipando a matéria, nem vi grupos reunidos para revisar conteúdos ou antecipar o assunto das aulas. Esses encontros, repito, são mais usados por eles, para fazer o “estar-junto” como nos lembra Maffesoli em *O tempo das tribos* (2006), ou para a “celebração fática da vida sem importância”, aludindo Rivière em seus *Os ritos profanos* (1996).

Através desses grupos podemos observar a inquietação que esses alunos têm para descobrir um novo conhecimento e através dos grupos de estudos, eles são remunerados para que possam assim ter um crescimento intelectual, tendo oportunidade mais tarde de entrar num grupo de estudo e pesquisa *stricto sensu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as vozes ouvidas, imagens e observações, como nos mostram nas análises dessa pesquisa, com alunos de Pedagogia e de Educação Física, em sala, nos corredores, cantinas, pista de Atletismo, quadra poliesportiva, e na forma de sentar, andar, caminhar, se vestir, se alimentar, falar dos acadêmicos da “Universidade Federal de Mato Grosso”, conduziram a alguns *esclarecimentos* ou pontos que comungam uma etologia no lócus onde realizou-se essa pesquisa.

O **primeiro** esclarecimento foi que os acadêmicos se assemelham em seu comportamento. A Educação Física e a Pedagogia têm uma etologia semelhante mesmo nas atitudes de proscrição. Talvez seja esse *modus vivendi* revelado pelo comportamento individual que “cimenta” as atividades do grupo ou de seu “comportamento tribal” como assevera o sociólogo francês Michel Maffesoli.

Os acadêmicos de um modo em geral se comportam, assumindo movimentos com gestos estereotipados, muito específicos de cada situação dentro e fora da sala de aula, que acabam orientando as suas atitudes, tão próximo daquilo que Montagu (1988) pontuava sobre a utilização exagerada da comunicação verbal, chegando inclusive a excluir de nossa experiência o universo da comunicação não verbal, para o nosso acentuado empobrecimento. Para esse autor há na “ocidentalização do corpo” (grifo nosso), uma

inexistência de toque, ou seja, de uma comunicação que exclui palavras. Essa falta de *pele*, a que ele se refere o autor, pôde ser visto nos encontros de pesquisa quando os alunos tendem a sentar-se sempre no mesmo lugar, distanciando dos demais colegas que se isolam em suas respectivas “panelinhas”.

O **segundo** esclarecimento, decorrente do primeiro se refere às “amizades” que se formam dentro da sala de aula. Embora não sejam continuadas numa vida social, fora da “academia”, mesmo assim, mantêm-se em exercícios feitos sempre com os mesmos colegas, e que se refinam com o toque corporal entre gêneros. Esses laços celebram uma corporeidade e afinam uma “técnica corporal”, para ser caro à expressão de Marcel Mauss. A ausência de pele, uma marca das grandes metrópoles, no plano microssocial da sala de aula ou no interior dos grupos, na possibilidade de toque, se releva pela experiência de pele, pela finura do tato.

A realidade veio mostrar que os sujeitos, observados são muito parecidos, em sua forma de sentar, na expressão do rosto, no emprego das falas, na familiaridade das expressões linguísticas e corporais, como os apertos de mãos que trocam nos mostram como são “tribais” em sua etologia. Este é o terceiro esclarecimento.

Pudemos ver também que tanto num grupo quanto no outro é um procedimento “natural” desses acadêmicos, mais com os “alunos” da Educação Física tirarem as cópias da matéria no dia, horas antes de começar a prova. Eles também, assim, se parecem, pela escassez de tempo que dedicam ao estudo. Eles estão sempre em atraso com o conteúdo. Alguns confirmaram que sua agenda de tarefas está sempre “transbordando” do tanto de “coisa que tem pra guardar”, e este pode ser o **quarto** ponto em comum.

O **quinto** ponto em comum é o de que há uma divisão de grupos muito fechados, formando suas “panelas”, entre uma licenciatura e outra. O corpo mostra que a cultura molda um *êthos* nas pessoas desde o modo de se vestir até a maneira de se comportar diante de uma determinada situação, que é normalmente influenciado pelo ambiente que se ocupa, pela classe social ou pela “tribo”, para lembrar um termo usado por Michel Maffesoli. Os dados da pesquisa nos revelam com as informações coletadas, a partir de imagens e conversas com os acadêmicos, que apesar de alguns apresentarem diferenças, resultantes de sua situação financeira, no modo de ir e vir, de ser, vestir, falar, ler, se divertir e ocupar esses lugares, eles se assemelham em quase tudo. Há um “corpo social” tangível no modo de eles se comportarem em público. Eles se parecem em seus assuntos cotidianos para discutirem sobre futebol, aulas, concursos, mulheres, sexo, política, violência urbana, dinheiro, temas que monopolizam a conversa para os “machos” e moda, namorado, novelas, futilidades, trabalho, *shopping center*, filhos, são a predileção das “fêmeas”, conforme vimos nas análises.

Um apego à “territorialidade”, no uso que o “animal” faz do espaço público, tornando-o “privado”, pode ser o **sexto** ponto de esclarecimento: é muito comum aquele aluno sentar naquela carteira, naquele canto esquerdo da sala, o ano todo. Quanto aos locais de descanso, como a cantina, os corredores, o estudo pôde mostrar que os indivíduos de vários estilos e tribos procuram brincar, jogar Truco, como uma forma de lazer, conforme pode ser visto pelas falas de dois sujeitos, que aqui enxergam no Intervalo — o antigo Recreio —, o espaço-tempo em que o *Homo ludens* explora a sua necessidade de brincar:

“jogo truco, copio matéria que não tenho, converso com os amigos, como na cantina”. (C.R.I./M – EDF – 22 anos) e;

“como, jogo Vôlei, ajudo os colegas a jogarem, jogo Truco”. (K.A.T./F – EDF – 19 anos).

Há nesses ambientes um entrosamento entre amigos que faz “quebrar” aquela vida rotineira, aliviando o estresse cotidiano, num lugar que parece ser mais agradável que a sala de aula. As respostas dalguns entrevistados reiteram aquilo que eles têm vivido. Esses sujeitos só se completam mesmo quando se divertem? Para repetir com o poeta Schiller em seu famoso aforismo: “o homem só se completa quando brinca”.

Outro aspecto do comportamento desses alunos observados está no sentido de que esses sujeitos ficam mais à vontade no seu modo de ser e de estar no campus. Há uma aura de contentamento e um despojamento no modo de vestir e de falar dos mais variados assuntos. Esse pode se constituir no sétimo ponto em comum. Outros aspectos sobre as análises como se vestem, se alimentam, se calçam, se namoram, se deslocam... neste meio, servem de diapasão não apenas como detalhes, mas podem nos servir para perceber que nosso corpo é regido por regras sociais que são obrigadas a cumprir. Há uma comunicação não verbal que fala o tempo todo. Seja no ato de vestir, na expressão dura do rosto, na insatisfação durante as aulas, no desconforto da poluição sonora, no isolamento individual, essa corporeidade vai gritando, se ajeitando no jeito que pode.

Com base na teoria de Marcel Mauss (2008), o comportamento humano não se faz somente por uma consciência individual, se não também pela mentalidade coletiva. O homem tende a agir de forma similar ao seu grupo seja qual ele for, para ser aceito. E ser aceito por algum grupo traz ao indivíduo um bem-estar, de maneira que o exterior reflete no interior. Cada ambiente dessas duas licenciaturas forma uma idiosincrasia social, com no uso das técnicas corporais. É através destas técnicas que podemos identificar de qual ambiente o indivíduo pertence. Os fatores econômicos, culturais, sociais entre outros têm um papel decisivo no comportamento de ser de cada grupo. Antes de serem culturais, os homens como os animais são mais naturais do que possam imaginar.

As considerações que apresentamos, nesta saída do “campo”, são feitas, primeiramente, a propósito de seu caráter inconclusivo. Ao vivenciar com esses sujeitos da

pesquisa durante esses dois anos, no campo da Universidade Federal de Mato Grosso e de ter esses teóricos como interlocutores sobre a temática tratada. Com Maffesoli me dei conta de que o estar-junto, o viver em coletividade só se dá quando esses indivíduos vivem e convivem nesses espaços que é a sala de aula, os corredores, as cantinas, as pistas esportivas, os espaços para vazão de sua ludicidade, os cantinhos para o namoro e alimentação. O estudo aqui relatado passa a ser de agora em diante não mais que um instrumento de trabalho a servir de base para as reflexões sobre e para as práticas do comportamento etológico na UFMT dessas duas licenciaturas de Educação Física e de Pedagogia.

É com essa orientação que esse estudo se destina, isto é, ver esses sujeitos em sala de aula, em pátios, em espaços ociosos de aulas vagas, em pistas para práticas esportivas, em estágios para aula de campo, em cantinas para lanches, em rodas para assuntos de uma vida sem importância, em grupinhos sobre a vida prosaica, em troças para jogar conversa fora...

Como mensagem educativa, mais que uma proposição resultante da pesquisa feita, a partir das observações desses grupos, cada indivíduo ou cada grupo, pelo seu comportamento, tem a nos dizer, através da linguagem verbal e não verbal, mais a dizer pela sua vontade do que pela obrigação de estar nesses ambientes. Esse êthos como labora o poeta Schiller (2002, p. 27) em uma de suas cartas sobre a educação estética do homem, nos diz sobre a vontade do homem que deve sobrepor a qualquer imposição ou dever. É isso que deixa transparecer na etologia desses sujeitos como veremos a seguir. Eles se comportam muito mais pela força de sua natureza, do que pela imposição normativa da cultura.

Dentro destes dois grupos foi possível fazer um recorte das falas dos entrevistados, através de um questionário de perguntas e respostas, para melhor esclarecer as informações que podem ser retiradas através das observações e ver o quanto os alunos de Pedagogia e Educação Física se parecem em seu comportamento, como foi apresentado no decorrer desta pesquisa. Eles têm mais semelhanças no seu comportamento, num plano geral, do que diferenças.

É provável que tenhamos que pensar noutra estratégia de conduzir as aulas, mesmo que pensamos como adultos num trabalho com adultos, no caso do ensino superior. Se essa etologia é boa ou ruim, as evidências científicas não podem afirmar, mas podem quem sabe, ajudar esses sujeitos como futuros professores a serem mais tolerantes em sua conduta social.

Respondendo às questões de investigação deste trabalho, congruentes que são com o estudo da corporeidade, as aulas e os encontros com os sujeitos, que serviram de laboratório para as observações da pesquisa, puderam exibir situações em que achamos por bem traduzi-las em proposições, que aqui denominamos de “mensagens educativas”. Uma riqueza de movimentos, sem negar o Homo ludens e, sem inibir a criatividade e a animação dos alunos,

assim, pôde registrar com seus professores as situações que possibilitaram os exercícios da autoconfiança, da autoestima, da autonomia e do talento para a abordagem crítica dos alunos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HALL, Edward T. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HALL, Edward T. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAWKINS, Richard. *Deus um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, Cleomar F. Brinco, logo existo: o papel da ludicidade na educação escolar. In: GRANDO, Beleni Saléte. *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.

GUSDORF, Georges. *A agonia da nossa civilização*. São Paulo: Convívio, 1978.

HALL, Edward T. Proxémique. In: WINKIN, Yves. *La nouvelle communication*. Paris: Seuil, 1981.

HALL, Edward T. *La dimensión oculta*. México: Siglo Veintiuno, 1986.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Campinas Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006

LORENZ, Konrad. *A agressão: uma história natural do mal*. Lisboa: Moraes, 1974.

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LORENZ, Konrad. *Os Fundamentos da etologia*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MONTAGU, Ashley. *Tocar o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

RIVIÈRE, Claude. *Ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.